

Collor quer a ajuda de governos

Jornal de Brasília • 3

na dívida

Moscou — O presidente eleito Fernando Collor pretende assumir os contatos com os credores externos brasileiros e negociar diretamente a dívida externa com os bancos e organismos internacionais de crédito, e não somente com os bancos japoneses. A idéia amadureceu na primeira etapa de sua viagem, aos Estados Unidos e Japão, por causa dos resultados, que considerou excelentes, de seus contatos pessoais com banqueiros e autoridades, principalmente em Tóquio.

Collor de Mello está convencido de que a questão da dívida externa brasileira não será resolvida sómente com os bancos credores, mas também com contatos governamentais em nível mais alto. Por isso, pretende fazer com que os líderes mundiais, com os quais vem se entrevistando em sua maratona mundial, influenciem favoravelmente os bancos, que são mais pragmáticos quando se sentam à mesa para negociar.

Há a convicção, por parte de Collor, de que o Brasil precisa retornar ao circuito internacional e que, portanto, será necessário um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). A negociação com o FMI teria início logo depois

da posse. Collor insiste, em todos os contatos com líderes e banqueiros, em que não abrirá mão do princípio básico de renegociação e de que "a dívida não pode afetar o desenvolvimento do País".

O Presidente eleito se entusiasmou com os contatos que fez em Tóquio quando recebeu sinais de que os japoneses poderão investir uma boa parte de seus fundos disponíveis — US\$ 40 bilhões — no Brasil, além de praticamente confirmar a liberação dos US\$ 6,5 bilhões que já estão contratados para o Brasil mas ainda foram desembolsados.

Os resultados de Tóquio confirmaram uma tendência de boa vontade encontrada em Nova Iorque e Washington, registrou Collor. Assessores do futuro governo lembram-se do comentário do presidente dos Estados Unidos, George Bush, que disse que pretende implementar o plano Brady no Brasil e que o resultado prático disso levaria a mudar o nome do plano para "Bush". Um dos principais assessores do Presidente eleito, o embaixador Marcos Coimbra, está convencido de que a solução para a questão da dívida não passa pelos bancos credores.